ECONOMIA EM MARÇO DE 2022

GUERRA, INFLAÇÃO, JUROS ALTOS, CRESCIMENTO BAIXO E COVID

Em março de 2022, observamos de tudo no mundo, guerra na Ucrânia, sansões contra a Rússia impostas por Europa e EUA, disparada de casos de COVID-19 na China, forte alta do preço das *commodities*, principalmente, o petróleo, e bancos centrais ao redor do mundo elevando as taxas básicas de juros.

Dito isto, o mês deve ter sido péssimo, certo? Errado. Do ponto de vista financeiro, março de 2022 foi excelente. Os principais ativos de risco, ou seja, aqueles investimentos com alta volatilidade, como ações e títulos públicos, apresentaram retornos acima do esperado, especialmente, no Brasil.

O início do mês foi conturbado sim, muito por conta dos reflexos da guerra, que pegou todos de surpresa. Todavia, pelo menos neste curtíssimo prazo, os investidores estão preferindo ficar com a parte boa da história, que foi justamente a rápida atuação dos bancos centrais ao redor do mundo elevando e prometendo elevar ainda mais as taxas de juros para combater a inflação.

Em momentos de grande incerteza de mercado, como é o atual, os investidores procuram olhar detalhadamente para os fundamentos econômicos. E, se tem uma coisa que é consenso no momento é a inflação elevada, tanto no Brasil quanto nas principais economias do mundo. A inflação já era uma preocupação antes da guerra, agora, tende a se intensificar. Como, os principais bancos centrais se mostraram dispostos a combater a alta dos preços, elevando os juros, os investidores estão vendo uma luz no fim do túnel para todo este caos.

Para o Brasil, o nosso Banco Central elevou a taxa SELIC muito rápido no ano passado, por conta dos nossos próprios problemas, como crise hídrica, alteração da lei do Teto de Gastos e eleições. Esta rápida elevação de juros por aqui nos colocou em uma posição favorável globalmente, mais por sorte do que por juízo.

Os investidores globais estão olhando para o Brasil como um porto seguro, primeiro, porque nosso juro está elevadíssimo, é bom para o rentista; segundo, a nossa bolsa estava barata em relação ao mundo até uns meses atrás; terceiro, o Brasil é um grande exportador de *commodities*, logo, *commodities* em alta, pode favorecer nossa economia; e, quarto, estamos geograficamente longe da guerra, e, isto, é uma vantagem clara.

Tudo isto, fez com que os investidores globais alocassem recursos no Brasil, só nos primeiros três meses do ano, entraram 64,1 bilhões de reais na bolsa brasileira, o que contribuiu para o dólar sair de R$ 5,57 para abaixo de R$ 4,70, uma desvalorização de mais de 15% da moeda norte americana. Infelizmente, para os investidores brasileiros que possuíam investimentos no exterior em dólar, esta desvalorização da moeda americana impactou negativamente o resultado dos investimentos no exterior.

Neste contexto, em março, os títulos públicos indexados à inflação (NTN-B ou Tesouro IPCA) rentabilizaram 3,07%, enquanto, os títulos prefixados (LTN e NTN-F ou Tesouro Prefixado) rentabilizaram 0,84%. Os títulos públicos pós-fixados (LFT ou Tesouro SELIC) rentabilizaram 0,91%, enquanto, o CDI rentabilizou 0,92%.

O IBOVESPA, principal índice de ações no Brasil, rentabilizou 6,06%, enquanto, no exterior, o S&P 500, a NASDAQ e o MSCI World, principais índices globais de ações, rentabilizaram em dólar 3,32%, 2,45% e 3,84% respectivamente. Quando convertidos em real, os retornos foram negativos em -4,75%, -4,27% e -5,56% respectivamente, por conta da desvalorização do dólar frente ao real.